

**NOS TEMPOS DOS CURRAIS: OS VAQUEIROS DE LAGOA DO OURO NA
SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX.**

Jairo de Lucena Gonçalves

Professor da rede particular da região metropolitana do Recife

Mestrando em História pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

E-mail: jairolucena02@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem o intuito problematizar o cotidiano dos vaqueiros de Lagoa do Ouro, município do Agreste Meridional de PE, na segunda metade do século XX, destacando as questões de trabalho e da cultura local. Para nos ajudar a construir essa narrativa utilizamos os relatos orais de memória de Clovis Rocha, José Luciano (Luciano Torres), Mauro Rocha, Manoel Nilton (Nilton Dodó) e Clodoaldo Brasil (Coló Brasil), personagens conhecidos por representarem a cultura vaqueira. A base teórica, que nos fornece os elementos para o trato com as fontes orais, é composta por Alberti (2005), Durval Albuquerque Jr (2007), Guimarães Neto (2006), Nora, (1993), Pollak (1989) e Montenegro (2011). Para o entendimento do ambiente vivenciado por esses personagens utilizaremos estudos sobre o mundo rural presentes nas obras de Priore e Venâncio (2006), Cascudo (1956) e também os pesquisadores que estudam a constituição do espaço de acordo com as atividades socioeconômicas praticadas nessas localidades como Petit (2018) e Dantas (2008). O entrecruzamento de fontes principalmente com a utilização de periódicos em especial o *Diário de Pernambuco* e *A Pro-vincia* se faz fundamental para analisar as representações sobre a sociedade e o cotidiano e a espacialidade pesquisada.

Palavras- Chave: Vaqueiros, Memória, Lagoa do Ouro.

Um olhar metodológico

O mundo rural, seus homens, suas técnicas, os animais e as espécies que impregnam seu cotidiano seguem ignorados. Raros foram os historiadores que, de fato, se debruçaram sobre o destino dos lavradores, a vida comunitária, a terra e seus ciclos, tentando iluminar a variedade dos modos de vida e de representações sobre o universo num país continental, como o Brasil. [...] para dizer do espaço que fica além dos grandes centros urbanos falou-se durante muito tempo em “fronteiras”. Elas também eram conhecidas como “sertões”, [...] tal História demorou a ser escrita. Capistrano de Abreu talvez tenha sido o primeiro moderno historiador brasileiro a enfatizar, em seu capítulo de história colonial, (1907), o sertão como formador de um estilo de vida nacional. (DELPRIORE; VENÂNCIO, 2006, p. 13).

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Como podemos observar na visão dos pesquisadores, os estudos sobre a cultura e a história dos grupos oriundos da zona rural são consideravelmente novos. Poucos se debruçaram em escrever sobre esse “universo desconhecido” que nos desafia a decifrar símbolos destes tempos de outrora. Mas como podemos destrinchar esse passado que não aparece nos documentos oriundos do espaço de poder? Temos que utilizar de metodologias capazes de nos fornecer respostas plausíveis para nossas indagações. “A consolidação da história oral como metodologia de pesquisa se deve ao fato de a subjetividade e a experiência individual passarem a ser valorizadas como componentes importantes para a compreensão do passado” (ALBERTI, 2000, p.02).

Ainda na perspectiva de Alberti (2000) que explica como se deu a criação e a fundamentação metodológica da história oral, a partir da possibilidade de utilizar um gravador para poder registrar e armazenar os relatos de memória dos entrevistados, esse procedimento criado no século XX teria sido primeiramente utilizado pelos estudiosos das ciências sociais. No entanto, os historiadores perceberam que poderiam utilizar-se deste método para adentrar ainda mais no passado desses indivíduos. Podemos dizer que os historiadores vêm gradativamente se interessando por estudar a história do tempo presente e, é isso que nos propomos a fazer no momento que buscamos analisar o passado dos vaqueiros do município de Lagoa do Ouro. Sua vida e trabalho cotidiano.

Mas como podemos entender Lagoa do Ouro como um espaço de fortes aptidões para as atividades agropecuaristas em momentos mais distantes da contemporaneidade? Para a Historiadora Mary Del Priore (1997) a observação do trabalho em relação ao cotidiano de um determinado grupo, nos ajuda muito a entender as relações sociais existentes entre estes, para ela dessa maneira o pesquisador consegue adentrar em espaços antes não alcançados, que passa pelo âmbito doméstico e familiar. E quando analisamos as memórias referentes ao trabalho através dos filhos desses homens conseguimos também atingir essas esferas de significações. E entender as relações cotidianas passadas por esses indivíduos que sobreviviam a partir dessa espécie de comunhão entre homens e animais.

Lembranças dos primeiros vaqueiros



Figura 01- Luciano Torres discursando na IX Festa do vaqueiro Correntina.

Fonte: Acervo pessoal do entrevistado (2013)

Nesse momento buscamos entender esse ambiente a partir das memórias do advogado Luciano Torres¹ de 65 anos. O entrevistado demonstra em seus relatos de memória uma sociedade muito vinculada a cultura campesina, ao cotidiano com os rebanhos bovinos e a criação de uma região com forte aptidão com a agropecuária:

...eu sou de uma região, de uma parte do município onde a cultura, as expressões populares no campo da cultura sempre estiveram presentes em várias dimensões, em vários aspectos. Porque Lagoa do Ouro ela se divide hipoteticamente falando ela se divide em polos, nós temos uma parte do município onde se teve a produção de alimentos, onde teve uma influência enorme de fora para dentro. E temos uma parte do município onde teve um reflexo em sua formação, na formação da sua população teve um reflexo bastante acentuado ainda da concepção escravocrata que foi mais nos distritos, principalmente de Igapó, na região de Igapó onde se teve engenho de cana de açúcar, produção de rapadura e derivados da cana. Até hoje um pouco mais artesanal e não centralizado. Mais descentralizado. E esta região outra, a região agresteira² de município já dividindo com Garanhuns, Teresinha e Bom Conselho, onde se radicou uma população mais dentro de trabalhando a produção de alimentos [...] A presença do gado esteve presente e eu nasci neste

¹ Quem vem de família de médios criadores de gado. Podemos observar que Luciano ao longo da entrevista trabalha com sua maestria profissional em criar uma atmosfera que de certa forma enaltecesse seus antepassados, no entanto, é necessário salienta que em seus relatos podemos encontrar uma bela descrição da sociedade do município da segunda metade do século XX que estavam em confluência com as memórias dos demais pesquisados. Além deste ser uma das personalidades mais conhecidas no espaço vaqueiro.

² Essa expressão “região agresteira” me chamou muito a atenção, precisava encontrar algo que justificasse essa fala do entrevistado, passei algumas semanas pesquisando no *Diário de Pernambuco* até encontrar algo que de certa maneira respondeu minha curiosidade, sobre esse espaço destacado por Luciano.

meio. Todos os produtores, criadores de gado, mesmo produzindo alimentos, grãos, feijão, milho, mas geralmente tinha gado presente. E então eram agricultores, não tinham grandes latifundiários, onde existiu grande latifundiário a terra era utilizada com a cultura de produção de grãos[...] mas a cultura vaqueira mais presente neste miolo aqui do município de Lagoa do Ouro, uma parte do município de Brejão, uma parte do município de Teresinha e uma parte do município de Bom Conselho Naquele foco eu nasci. (Entrevista realizada com Luciano Torres, Lagoa do Ouro –PE, 15 de julho de 2018)

Luciano nos mostra uma realidade vivenciada na segunda metade do século XX, neste município, onde pecuária e a agricultura andavam entrelaçadas, a partir de suas memórias, percebemos que as atividades econômicas estavam baseadas na produção de subsistência. Uma região formada muito mais de pequenos e médios produtores e criadores de animais que modelaram sua cultura a partir do cotidiano vivenciado junto dos rebanhos principalmente bovino. Mas desde quando Lagoa do Ouro se tornou esse “miolo” voltado para pecuária e a cultura vaqueira como foi destacado por Luciano? Um jornal de 1930 pode nos demonstrar o empasse político que de certa maneira vai de encontro a afirmação do entrevistado, nos tempos que o município ainda não existia:

A PROVINCIA no município das Correntes

Correntes 9 de abril.

Pelo conselho Municipal, na sua ultima reunião, foi aprovado em ultima discussão, um projeto de lei apresentado pelo dr. Anisio Carapeba, e subscrito pelos conselheiros Belmiro Arce e Possidonio Gomes, relativamente ao afastamento do travessão que separava a zona pastoril da zona agrícola, neste município, ficando pelo referido projeto augmentada a zona agricula. Esse acto do Conselho tem merecido aplausos, pois o distrito de Lagôa do Ouro estava se transformando de zona agricula em zona pastoril, com grandes prejuízos dos interesses geraes do municipio. (HEMEROTECA DIGITAL. *A Provincia*, Recife, 11 de abril de 1930)

O historiador deve busca pistas do passado em documentos históricos, mesmo sabendo que esses são dotados de intenções e interesses como defende o professor Albuquerque Júnior (2007). Assim, o que mais nos chamou a atenção é que mesmo com toda a imposição do município das Correntes, Lagoa do Ouro não se afastou da pecuária. A partir da comparação das memórias de Luciano com o informativo do Jornal podemos perceber também o entendimento quando ele fala das “influencias de fora”, os grandes proprietários de terras acataram as ordens de Correntes, utilizando suas propriedades para

a plantação³, fazendo até arrendamentos para a agricultura, os pequenos e médios proprietários estavam mais ligados a criação de animais e da agricultura de subsistência.

Neste momento deixaremos as discussões ligadas aos espaços do poder local e passaremos a nos debruçar sobre a construção da imagem dos vaqueiros de Lagoa do Ouro a partir das memórias dos entrevistados. Desse modo, ao seguir Nora (1993, p. 12) que considera que “os lugares de memória são antes de tudo restos”, trabalhamos na perspectiva de construir uma versão para o passado e não uma verdade absoluta. O grande objetivo era saber como os vaqueiros das décadas de 1950-1960 viviam, e uma das foi dada por Mauro Rocha⁴ um vaqueiro de 74 anos de idade que já pendurou seu gibão.⁵



Figura 02- Mauro Rocha, vestido em seu gibão.

Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Sobre os primeiros vaqueiros ele nos fala:

³ Não estamos aqui generalizando o discurso, pois os vaqueiros mais velhos que entrevistamos, prestavam serviços para grandes proprietários de terra, o que quero dizer é, os mais abastados da vila de lagoa do Ouro por terem muita terra e uma visibilidade social tentaram “driblar” as ordens do governo correntino.

⁴ O vaqueiro mais premiado do município de Lagoa do Ouro.

⁵ Se aposentou.

Olhe, no município de Bom Conselho os que eu conheci primeiro, foi Natésio, foi Pirrinxa, foi Zé Honório o que faleceu, foi Batinga ali de Brejão, Batinga preto, todos eles. Eu era um mulecote ainda, uma faixa de 10 (dez) ano, ai diziam que tinha pega de boi lá no coronel Augusto Pinto, ai eu fui crescendo e só ouvindo falar disso do povo, ai eu digo: “Eu vou”, ai nós ia, quando chega lá nós subia nos pau e vinha a quebradeira que nem o mundo tivesse se acabando, os homem, Natécio, Pirrincha, Zé Honório e Batinga Preto [...] ai surgia todo quando tinha a pega de boi no mato, eles diziam comprar cachaça, naquele tempo à cachaça era tampa de curtiça [...] era cana de cabeça que falava, ai dizia: “Vá o filho de Zé Rocha”, era eu, ai o finado Zé Honório dizia: “Olhe, quando esse minino chegar, nós vamo dar uma moeda a ele”, ai me dava 10 (dez) Tões, 500 (quinhentos) Reis, naquele tempo se comprava um pacote de bolacha com 10 (dez) Tões, ai quando eles pegava o boi na facha de 5:00 horas da tarde, eles derrubava o boi e piava o boi, o boi ficava escornado piado, não era amarrado em pau não... Era o boi piado, ai ficava escorado pra ir ver no outro dia, quando chegava, ai o coronel Augusto Pinto perguntava: “Cadê? pegaro o boi?”, eles: “Pegemo o boi e o boi tá tá amarrado, tá piado, o boi tá no chão, nós só vamo vê amanhã bem cedo”, foi os vaqueiro mais velho da região foi esses, agora esses homem nunca foram pra não pegar, todos quatro era bom, tinha os cavalo deles, me lembro que nem hoje era Madrugada, era Só se Venó, era Voador e Batinga, Batinga, o cavalo de Batinga ele era preto, o cavalo era preto retinto... (Entrevista feita com Mauro Rocha, Lagoa do Ouro- PE, 19 de julho de 2018).

Percebe-se que os vaqueiros mais antigos, “a dupla” como ele mesmo destaca esse grupo, eram formados por indivíduos não somente de Lagoa do Ouro, na fala de outros entrevistados percebemos que existia uma interação destes, em especial de Brejão, Lagoa do Ouro e Bom conselho⁶. Conseguimos perceber como ele admira esses vaqueiros ainda⁷. Com intuito de compreender mais desse passado, recorreremos a Alberti (2005) que cria um perfil dos indivíduos que podem ser utilizados em uma pesquisa de história oral, todos devem conhecer sobre o assunto. Por esse motivo as memórias do violeiro

⁶ Devemos ter a noção que os espaços municipais ainda não eram definidos e meus entrevistados costumam utilizar as divisões atuais. O próprio entrevistado falou que tem um filho de Pirrincha morando no município de Lagoa do ouro, batinga era de Brejão e Zé Honório e Natércia provavelmente de Bom com conselho. Posso adiantar que essa junção de vaqueiros desses municípios ainda acontece com muita frequência.

⁷ Teve momentos que tinha a impressão de estar falando com o menino Mauro, o garoto que fazia o mandado dos vaqueiros e sonhava ser um deles um dia. Os olhos brilhavam a voz embargava. A ponto de me sentir emocionado também. O senhor demonstrou muita intimidade com esse passado, a sensação era que tudo que ele falava tinha acontecido no dia anterior a entrevista. E isso contagiou o ambiente com um ar muito agradável.

Nilton Dodó⁸, 72 anos de idade, também será de grande valia para entendermos sobre os primeiros vaqueiros de Lagoa do Ouro e ele nos fala: “Esses homens foram os heróis da catinga aqui, os pegadores de boi do mato, os legítimos. Eram estes homens.”⁹



Figura 03- Nilton de Dodó.

Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Tanto Mauro rocha quanto Nilton de Dodó apresentam muita clareza e propriedade em suas falas sobre o passado. Assim, a união das memórias do vaqueiro e do violeiro irão se cumpliciar em inúmeros momentos da escrita deste trabalho no momento em que aspectos ligados a cultura e o cotidiano dos vaqueiros forem sendo apresentados.

Os entrevistados se deixaram fotografar da forma como se sentem representados na sociedade de Lagoa do Ouro. Mauro Rocha destacando o seu gibão de chuteira (muito cara e difícil de encontrar, em Lagoa do Ouro ele é proprietário do único). Guarda sua indumentária de vaqueiro¹⁰ com muita vaidade. Já Nilton é visto como uma espécie de intelectual da zona rural, que ainda é bastante requisitado pelos mais velhos da comunidade para aconselhar sobre os problemas do cotidiano. Os dois são compadres e sobre esse contrato social das sociedades rurais a professora Regina Beatriz Guimarães Neto (2006) destaca que esse tipo de prática era muito comum em meados do século XX,

⁸ Entre os meus entrevistados Nilton é que apresenta a personalidade mais forte, suas falas o colocam em posição de autoafirmação, o próprio não queria que fosse feita outras entrevistas; ela se considera conhecedor e capaz de responder qualquer coisa referente a cultura e a história dos vaqueiros no município.

⁹ Entrevista feita com Nilton de Dodó, Lagoa do Ouro- PE, 20 de julho de 2018).

¹⁰ Um fato muito curioso sobre a personalidade de Mauro é que ele denominar os homens mais antigos como verdadeiros vaqueiros. Ele denomina sua geração como os “vaqueirinhos”.

pois servia para fortalecer os laços sociais dos integrantes do grupo. Podemos destacar uma ligação muito forte entre os entrevistados analisados¹¹.

Ao analisar as memórias dos mais velhos, tentamos fazer uma amostragem do espaço de convívio desses antigos vaqueiros em meados do século XX, “o tempo dos lugares, é esse momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade da memória, para só viver sob o olhar de uma história constituída” (NORA, 1993, p.12). Os currais de pedra são ainda os testemunhos desses lugares de outrora; sobre o cotidiano nesse espaço foi dito nos revelado:

[...] esses currais Jairo eram feito exatamente por conta do gado criado na época, que era nascido e criado lá no mato, quando vinha pra o curral se fazia um curral de arame disso com estaca muitas vezes eles estourava as cercas e voltava pro mato quando você começava a maneja-lo dentro do curral, então alguns fazendeiros faziam os currais de pedra, porque ai o animal jamais ia arrebentar esse curral, mas é por conta disso viu[...] tem ali em Marquidove, tem esse ali na Juliana, tem um aqui que você esqueceu no Jacú, aqui no Jacú. (Entrevista feita com Coló Brasil, Lagoa do Ouro- PE, 16de julho de 2018).



Figura 04- Curral de pedra localizado entre os municípios de Brejão e Lagoa do Ouro.

Fonte: Acervo pessoal do autor. (2018)

¹¹ Os entrevistados mais velhos (Nilton e Mauro) se mostravam muito curiosos em saber das falas uns do outro, sempre buscando se proteger e se apoiarem no momento que o gravador estava ligado, coisa que se modificava um pouco quando este era desligado. Sempre tentavam se mostrarem como entendedores de determinado assunto.

A localização dos currais de pedra feito por Coló traz os nomes dos atuais proprietários das fazendas, Nilton em sua entrevista fala dos primeiros vaqueiros de Lagoa na toada *Memórias do Passado*, onde podemos criar uma imagem de como seria um dia de perseguição dos bois nesta época.

Vaqueiro bom foi rapaz,
Dodó, Machado e Pirrinxa,
Que pegavam o boi no mato e trazia ele na chincha.
Manuel Campina puxou e Chico André foi quem laçou,
Pra levar para o matadouro para ser cortado de trincha.
No seu cavalo Garrincha, Sabino Lopes e Batinga,
Dizia para Né Machado tu traz a corda e a pinga,
O sal de pedra e o espeto,
De pegar ele eu prometo,
Eu vou pegar lombo o preto pra tirar sua mandinga...

(Entrevista feita com Nilton de Dodó, Lagoa do Ouro- PE, 20 de julho de 2018).

A toada de Nilton dos revela o cotidiano dos vaqueiros de Lagoa do Ouro de se embrenhar no mato em busca de animais para serem abatidos. “Movimentava-se livremente nos plainos e tabuleiros e caatingas, no galope árduo do seu cavalo [...] caçando as reses tresmalhadas ou ariscas” (CASCUDO,1956, p.27). Assim era a vida dos homens do gibão deste município, sempre estavam prestando serviço para algum fazendeiro ou marchante, sempre utilizando os currais de pedra para prender os animais.

Como fala Albuquerque Jr. Em seu livro *História a arte de inventar o passado* (2007), a história é escrita e tem muita aproximação com a morte, desenterramos nossos mortos para que falem e nos expliquem o passado. Em meu período de graduação entrevistei um vaqueiro já bem idoso que aparece constantemente nas falas dos entrevistados de hoje; Chico André que na época tinha 82 anos nos relatou uma das suas aventuras cotidianos ao perseguir uma novilha arisca:

Eu tava pega mais não pega, atrás da disgramada mais o cavalo abriu , não deu para acompanhar foi a conta de Chicó cair encima de um mandacaru, com uns dois metros e meio de altura, mais o febreuto não aguentou o peso foi aquele bolo eu e o mandacaru. O ruim não foi a queda um ruim mesmo foi os espinhos em todo o corpo, uns foram

tirados em Brejão outros são meus companheiros até hoje. (Entrevista feita com Chico André em lagoa do Ouro- PE entre os anos de 2009-2010).¹²

Chico André já não está mais aqui, no entanto, seu filho Clovis Rocha de 52 anos lembrando dos seus tempos de criança fala sobre o trabalho do seu pai na lida com o gado, percebiam que nessas memórias o entrevistado fala muito mais que da vida do seu pai, ele nos relata um padrão de trabalho seguido por Chico e seus companheiros:

Papai iniciou-se sendo vaqueiro aqui na fazenda de Napoleão nos anos 50 (cinquenta), ai depois passou a ser carreiro¹³, voltou a ser vaqueiro novamente e terminou sendo vaqueiro até o fim da sua carreira né?. Ele foi vaqueiro de Napoleão e foi vaqueiro de pega de boi no mato, vaqueiro pra pegar boi pra o abate nessas cidades vizinhas, Lagoa do Ouro, Terezinha, Correntes, Brejão e outras cidades, até de Bom Conselho. (Entrevista feita com Clovis Rocha em lagoa do Ouro- PE, 22 de julho de 2018).

Podemos observar que os vaqueiros de Lagoa do Ouro (ao menos os vaqueiros do gibão) não estavam tão entrelaçados a um fazendeiro, eles de certa maneira prestavam serviços para um grupo de proprietários de terra, podemos perceber isso na continuação da fala de Clovis Rocha: “Toda semana, era no início da semana, segunda e terça e quarta era pra Lagoa do Ouro e Bom Conselho e fim de semana era pra Brejão e Correntes.”¹⁴ O entrevistado completa falando sobre mais funções dos vaqueiros no momento que perguntamos sobre o temperamento dos animais:

Era, porque era gado selvagem na época não era igual o gado de hoje nascia e se criava no mato tinha uma semana o vaqueiro dava campo pra curar bezerro, uma semana era pra curar os bezerro e outra semana era pra olhar as vaca que tava amojando, outra semana era pra separar garrote pra castrar que meu pai era castrador de animal assim também castrava lá mesmo no campo, não existia curral era pegado a cavalo, a cachorro e puxado e amarrado. (Entrevista feita com Clovis Rocha em lagoa do Ouro- PE, 22 de julho de 2018).

¹² Iremos utilizar fragmentos das entrevistas feita entre (2009-2010), elas estão presentes no trabalho de conclusão de Curso em História da UPE intitulada **O VAQUEIRO NORDESTINO CONTEXTO SOCIO-HISTORICO E CULTURAL** aprovada em 2011.

¹³ Essa questão será discutida no próximo subtítulo.

¹⁴ Entrevista feita com Clovis Rocha em lagoa do Ouro- PE, 22 de julho de 2018).

Pela forma que os entrevistados falam sobre o passado é como se nas décadas de 1950 e 1960 não existiria uma comercialização de leite, ou seja, os animais eram criados soltos, sendo capturados esporadicamente pelos vaqueiros para que esses animais fossem tratados de alguma enfermidade que atingisse alguns animais. Na verdade, só encontramos notícias no *Jornal Diario de Pernambuco* de 10 de janeiro de 1978¹⁵ que colocava Lagoa do Ouro entre os municípios produtores de leite no Agreste Meridional que vinha sofrendo os efeitos constantes das secas.

Ainda nos referindo ao trabalho desses vaqueiros antes do que chamamos de “ciclo de leite”, foi indagado para alguns entrevistados para falarem como de fato era configurado o trabalho destes homens quando o gado era criado muito mais com o objetivo de corte. Mauro Rocha nos fala como eram tratados os animais nos tempos mais remotos:

Olha, a medicação que nós dava... Naquela época não existia negócio de veterinário era... Curava com gás branco na nuca, era que dizia que nunca dava cabrunco, que naquela época dava um cabrunco pesado, tinha bicho que ficava alejado, ai os mais velho dizia... Ninguém falava em vacina, nesse tempo não falava em vacina, disse: “Ói já medicou o gado?”, “Já”, outros não... Qualé a medicação? Ai dizia é... “Gás branco”, buta na nuca e buta nas quatro pata, era o que falava. (Entrevista feita com Mauro Rocha, Lagoa do Ouro- PE, 19 de julho de 2018).

Podemos perceber que no relato de memória de Mauro Rocha a precariedade no tratamento dos animais nos tempos de sua juventude. Podemos até destacar que o gás branco ainda é um remédio muito popular na região, utilizada para tratar doenças de casco e inchaços nos cavalos, bois e vacas, no entendo, outros remédios foram utilizados para curar as mazelas que acometiam a criação nos tempos passados:

O gado era criado e não tinha o tratamento intensivo que se tem hoje. Se tratava o gado uma vez por ano com plantas. E até eu já com quase 15 a 18 ou 20 anos, todos os anos a gente juntava, toda a região juntava

¹⁵.HEMEROTECA DIGITAL Diario de Pernambuco. Recife,10 de Janeiro de 1975. ver em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pasta=ano%20197&Pesq=Lagoa%20do%20ouro acesso em 20/02/2019

todo o gado para dar uma dose de uma planta chamada babosa. Dava aquilo ali e era um remédio uma vez por ano. E o gado com aquilo ali ficava saudável e tal, porque também não tinha a transmissão das doenças que vem de outras regiões. (Entrevista realizada com Luciano Torres, Lagoa do Ouro –PE, 15 de julho de 2018).

As falas destes homens vão de encontro a análise feita pelos historiadores Del Priore e Venâncio (2006) na qual destacam que, o gado era um grupo de animais que conseguia se adaptar relativa bem conseguindo se reproduzir mesmo com pouca disponibilidade de alimento água. Ao longo das décadas os homens foram conhecendo alternativas para tratar seus animais; nos referindo a Lagoa do Ouro podemos encontrar um Jornal *Diario de Pernambuco* de 22 de setembro de 1970¹⁶ falando do isolamento dos grupos humanos rurais que traziam muito transtornos¹⁷, mesmo a notícia não sendo referidamente ligada ao verdadeiro objetivo da pesquisa podemos perceber que existia de certa maneira o distanciamento daqueles que viviam na cidade em relação os do campo.

De certa maneira esse fato pode nos fazer refletir sobre a realidade vivida nas primeiras décadas da segunda metade do século XX em Lagoa do Ouro. Tendo em vista a precariedade no atendimento de saúde para os seres humanos da época, os animais não recebiam nenhum tipo tratamento veterinário. Essa questão nos faz lembrar do raciocínio de Pollak (1989) onde ele destacava que o trabalho de analisar o passado estava na coerência dos discursos em sua sucessividade, ou seja, devemos encontrar discursos que levem para o mesmo caminho. As memórias de Mauro e Luciano juntamente com o informativo do jornal demonstra que a sociedade rural utilizava remédios alternativos para tentarem curar suas enfermidades.

Outra questão que surge é como se dava a comercialização desse gado em Lagoa do ouro? Sabemos que as feiras de gado representam ganhos significativos para o município até a contemporaneidade. Esta fotografia foi feita entre as décadas de 1950-1960 nela podemos ver o comércio do gado, se observarmos bem a imagem perceberemos que a antiga feira de gado estava situada bem na parte de trás da antiga prefeitura

¹⁶ HEMEROTECA DIGITAL, *Diario de Pernambuco*, Recife, 22 de setembro de 1970. Ver em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pasta=ano%20197&Pesq=LAGOA%20DO%20OURO> acesso em;17/03/2019.

¹⁷ Um surto de poliomielite.

demonstrando a importância da atividade pecuarista para o desenvolvimento da cidade, Segundo (DANTAS, 2008, p. 95) “as maiores feiras de gado existentes na região se localizam nas cidades que estão exatamente no contato entre o litoral e o sertão. Some-se a isso – as feiras de gado se constituem”.



Figura 14- Feira do gado.

Fonte: Lemos (2013)

Lagoa do Ouro é uma cidade localizada no Agreste, foi e continua sendo uma dessas “pontes”. Sobre a configuração não somente da feira do referido município mais também dos circunvizinhos, Clovis Rocha nos fala da rotina do seu pai para capturar os animais para serem vendidos nas feiras: “Toda semana, era no início da semana, segunda e terça e quarta era pra Lagoa do Ouro e Bom Conselho e fim de semana era pra Brejão e Correntes”¹⁸. Podemos observar que o gado movimentava também o cotidiano das cidades do Agreste pernambucano:

No dia da feira o gado todo destinado à venda é reunido numa praça, às vezes aberta, outras vezes rodeadas com cerca de arame farpado ou de madeira, que separam pequenas divisões para os diferentes tipos de gado. Embora nestas feiras predomine geralmente o gado bovino, também cavalos, burros, carneiros, cabras e porcos são aí vendidos. (SOUZA,1975, p.174 *apud* DANTAS, 2008, p.95).

¹⁸ (Entrevista feita com Mauro Rocha, Lagoa do Ouro- PE, 19 de julho de 2018).

Como podemos observar as feiras de gado do interior de certa maneira movimentaram (e movimentam) as relações ligadas a economia e a sociabilidade. Assim, na fala de Souza citado por Dantas (2008), percebemos que nesses ambiente os pequenos criadores também tinham seus espaços, as feiras ocupam um lugar importante como local de encontro entre grupos. Podemos destacar que as feiras de gado foram e são instrumentos de trocas culturais muito ativas no município de Lagoa do Ouro.

Considerações finais

Quando analisamos como os pesquisados constroem suas versões sobre os tempos de outrora percebemos que memória coletiva se faz muito presente. Segundo a historiadora Marieta de Moraes Ferreira (2002), esse tipo de memória é ressignificada de acordo com a influência social que o grupo exerce na contemporaneidade, ou seja, o presente tem forte controle das construções dessas versões sobre o passado. O professor Antônio Torres Montenegro (2011) também nos faz refletir sobre o papel desse tipo de memória, e sua relação com os indivíduos envolvidos, para ele os pesquisados conseguem relatar as diferentes realidades, pois foram estes que vivenciaram, foram as testemunhas desse cotidiano e podem falar sobre com propriedade.

Albuquerque júnior (2007) nos ajuda a entender como trabalhar com as diferentes maneiras de inventar; fazendo um embate entre diferentes fontes, (memórias, fotografias e periódicos) que servem como os afluentes de um rio, que percorre diferentes espaços em diferentes ritmos dependendo da configuração do relevo. Assim podemos construir uma escrita fluida que perpassa pela história de vida da construção cultural e do trabalho. Acreditamos que exista não somente uma “modelagem” do passado a partir dos signos do presente, acontecimentos de outrora também podem nos revelar a construção dessas identidades, “a história busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. A memória é também uma construção do passado...” (FERREIRA, 2002, p. 321). Por isso a cautela e necessária para se escrever sobre este grupo de vaqueiros.

Os vaqueiros de Lagoa do Ouro na segunda metade do século XX, apresentaram uma configuração distinta, em relação a outros encontrados por exemplo no sertão¹⁹, o município nasce com uma grande aptidão pecuarista e estes indivíduos prestam serviços para alguns proprietários. Nesses relatos de memórias podemos escrever como se deu as primeiras criações de gado em um tempo onde as influências dos grandes centros urbanos não exerciam tanto poder na sociedade do interior.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

_____. **Indivíduo e biografia na história oral**. FGV 2000.

¹⁹ Quem passavam dias fora de casa perseguindo o gado bravo.

ALBUQUERQUE JR, De Munis Durval. **História a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. Tradições populares da pecuária nordestina. **Documentário da vida rural**, n. 9, 1956.

DANTAS, Galdino; PACHELLY, Geovany. Feiras no nordeste. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 7, n. 13, 2008.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Uma história da vida rural no Brasil**. Ediouro Publicações, 2006.

_____. História do cotidiano e da vida privada. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, p. 259-268, 1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314-332, 2002.

GONÇALVES, Jairo de Lucena. **O vaqueiro nordestino: contexto socio-historico e cultural**, 2011.

MONTENEGRO, Antônio Torres, Travessias e desafios. Laverdi, Robson[et al]. **História Oral, desigualdade e diferenças**. Recife, UFPE, 2011

NETO, Regina Beatriz Guimarães. **Cidades da mineração: memória e práticas culturais Mato Grosso na primeira metade do século XX**. Edufmt, 2006.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

Site:

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

LEMOS, Douglas. Portal de lagoa do Ouro,2013. Disponível em: <
<http://portallagoadoouro.blogspot.com/2013/12/a-memoria-de-lagoa-do-ouro-em.html>>
Acesso em 15/01/2019

Periódicos:

HEMEROTECA DIGITAL. A Pro.vincia. Recife,11 de abril de 1930. Ver em:<
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_02&PagFis=25874&Pesq=LAGOAO%20DO%20OURO acesso em 14/02/2019

HEMEROTECA DIGITAL, Diario de Pernambuco, Recife ,22 de setembro de 1970.
Ver em: <
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pasta=ano%20197&Pesq=LAGOAO%20DO%20OURO> acesso em;17/03/2019.

: (HEMEROTECA DIGITAL. Diario de Pernambuco. Recife,10 de Janeiro de 1975. ver em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pasta=ano%20197&Pesq=Lagoa%20do%20ouro> acesso em 20/02/2019

Fontes Orais:

Entrevista feita com Coló Brasil, Lagoa do Ouro- PE, 16de julho de 2018

Entrevista realizada com Luciano Torres, Lagoa do Ouro –PE, 15 de julho de 2018.

Entrevista feita com Mauro Rocha, Lagoa do Ouro- PE, 19 de julho de 2018.

Entrevista feita com Nilton de Dodó, Lagoa do Ouro- PE, 20 de julho de 2018.

Entrevista feita com Clovis Rocha em lagoa do Ouro- PE, 22 de julho de 2018